



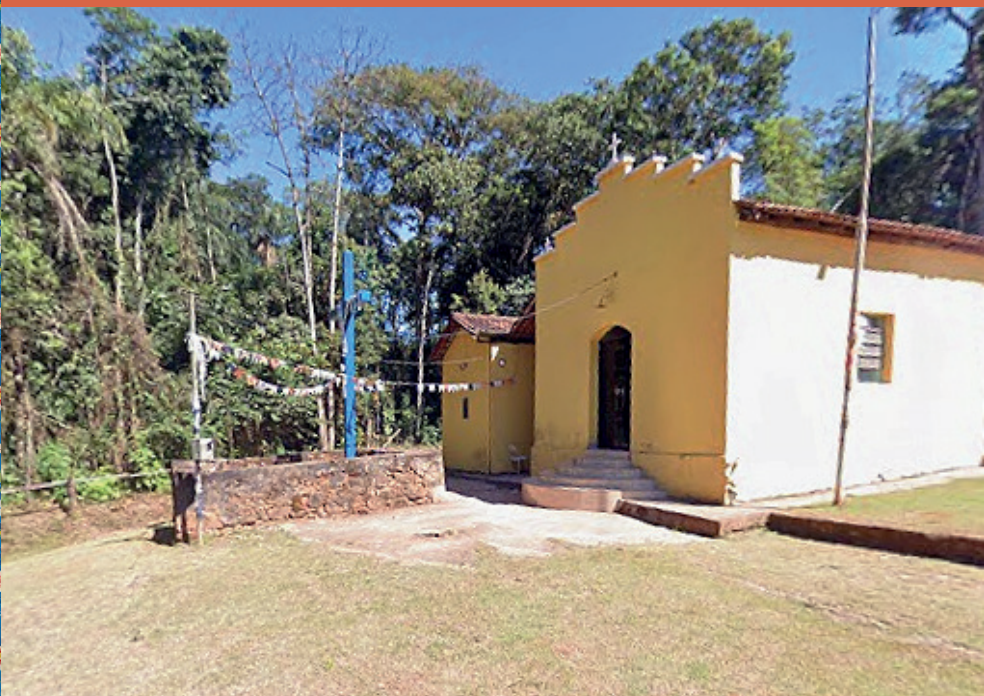
Coleção
Raízes do Futuro

18

COMUNIDADE QUILOMBOLA MASSANGANO

BRUMADINHO - MG

História • Território • Economia e Sociedade



CRÉDITOS

Autoras (Comunidade)

Maria Fernandes Mendes Cruz, Rosangela Fernandes Mendes dos Santos e Yasmin Fernandes Lemos.

Equipe do Projeto Raízes do Futuro

Alice Capanema, Frederico Augusto Alves Gonçalves, Jorge Andrade, Leda Maria Benevello de Castro, Marina Fares Ferreira, Regina Campos, Ricardo Ferreira Ribeiro, Rosana Cristina Avelar.

Equipe de edição

Fotos e Mapas - Acervos Cedefes e Comunidade
Projeto Gráfico e diagramação - Derval Braga e Juliana Vaz

Diretoria do Cedefes

Alenice Maria Motta Baeta - *Presidenta*
Luci Rodrigues Espechit - *Tesoureira*
Maria Elisabete Gontijo dos Santos - *Secretária*

Impressão

Imagem Editora Gráfica
2025 - 150 exemplares

Belo Horizonte (MG), dezembro 2025

Apoio



PROJETO RAÍZES DO FUTURO

O Projeto Raízes do Futuro trabalha e valoriza a presença viva das tradições nas comunidades quilombolas de três regiões vizinhas de Minas Gerais — Alto Paraopeba, Vale do Piranga e Campo das Vertentes/Zona da Mata —, buscando, a partir desse patrimônio cultural, construir caminhos para um futuro melhor.

Cada comunidade participante indicou três representantes para integrar um ciclo de dez encontros, realizados aos finais de semana, com intervalos aproximados de 45 dias entre cada um. As reuniões aconteciam sempre nas próprias comunidades. Em cada encontro, eram apresentadas duas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), que os representantes aplicavam em suas comunidades, trazendo os resultados para compartilhar no encontro seguinte.

Essas metodologias permitiram que cada grupo refletisse sobre sua história, território, recursos naturais, modos de subsistência, produção, consumo, relações internas e externas, além da organização das atividades econômicas e socioculturais ao longo do ano.

Os encontros foram concebidos como espaços de aprendizado coletivo e troca de experiências. Além das atividades formativas, aos sábados eram promovidas as Noites Culturais, organizadas pelas próprias comunidades, fortalecendo a identidade e o convívio comunitário.

No entanto, os objetivos do projeto iam além do diagnóstico. Buscava estimular ações concretas capazes de contribuir para a transformação da realidade local. Como resultado desse trabalho, várias comunidades iniciaram o processo de certificação quilombola junto à Fundação Cultural Palmares, enquanto algumas focaram na organização institucional interna e outras na articulação junto ao poder público, reivindicando melhorias na infraestrutura local.

Este livreto integra a Coleção Raízes do Futuro e foi escrito pelos representantes quilombolas participantes do projeto, a partir das pesquisas que realizaram com base nas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo.

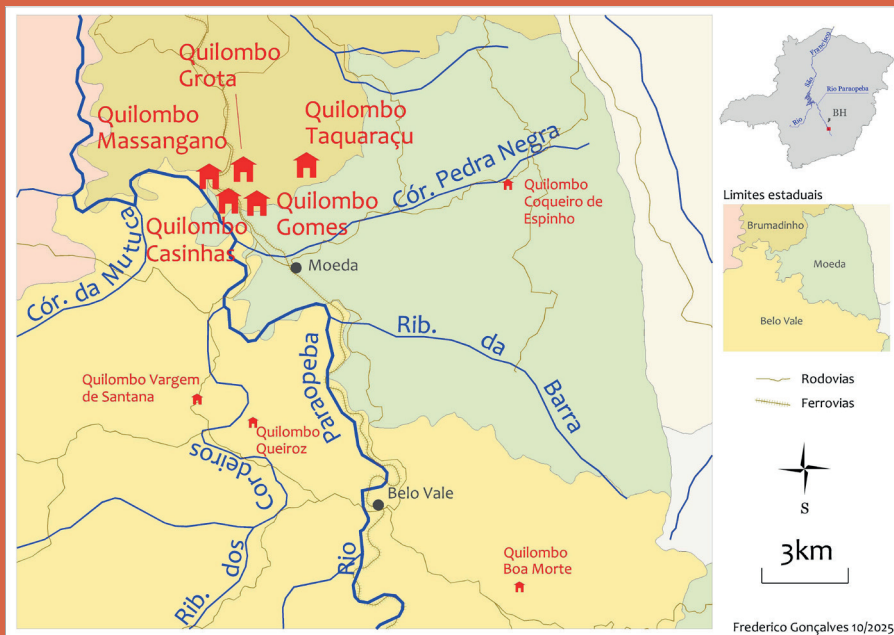
COMUNIDADE QUILOMBOLA MASSANGANO

BRUMADINHO - MG

Localização da Comunidade

A Comunidade Quilombola Massangano localiza-se na zona rural do município de Brumadinho, a 35 quilômetros da sede municipal. Por outro lado, a apenas 5 quilômetros da comunidade, está o município de Moeda. Geograficamente, se insere na Mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte, estando a cerca de 65 quilômetros da capital mineira.

No entorno, a vegetação predominante é de Mata Atlântica. Além de ser marcada pelo relevo acidentado e pela abundância de recursos naturais, a comunidade é margeada pelo rio Paraopeba. Na mesma região, também existem outras comunidades quilombolas. Em levantamento realizado pela comunidade, em outubro de 2025, moravam no quilombo aproximadamente 25 famílias.



História

Massangano abrigou muitos escravizados que fugiam das fazendas da região, entre eles diversos africanos que não haviam nascido no Brasil. Por isso, alguns moradores mais velhos ainda se lembram de como existiam, dentro do quilombo, grupos que falavam diferentes línguas. A palavra Massangano tem origem banta, possivelmente oriunda de Angola, nas línguas quimbundo ou quicongo. O termo, ou, mais precisamente, *massanganu*, significa confluência, foz ou lugar onde dois rios se juntam em um só.

Maria Fernandes Mendes da Cruz, também conhecida como Mariinha, e Rosângela Fernandes Mendes dos Santos, conhecida como Tia Rosa, descendem de famílias tradicionais remanescentes de quilombo.



■ À esquerda Mariinha e sua prima Lucia; à direita, Rosângela.

Por parte de seus pais, ambas são bisnetas, netas e filhas de pessoas negras e indígenas que enfrentaram décadas de escravidão e resistência. A bisavó paterna delas, Josefina, carinhosamente chamada de Tia Zefa, é uma das figuras mais marcantes dessa trajetória.

Segundo relatos de antigos moradores, Josefina e seu irmão Antônio, conhecido como Antônio Molequinho, vieram da África

para o Brasil em 1839. O navio teria chegado à região de Angra dos Reis, no Rio de Janeiro. Após algum tempo, foram levados para uma fazenda em Minas Gerais e, posteriormente, fugiram, buscando refúgio na região de Massangano.

Nessa época, Josefina teve uma filha, Minervina, fruto de um abuso do dono da fazenda onde trabalhava. Para afastá-la dali com a criança, o fazendeiro lhe deu dois objetos de ouro, um colar e um anel, que ela trocou por um pequeno terreno onde hoje se localiza a comunidade de Massangano. Ali, criou sua filha, com muito esforço, trabalhando nas roças e fazendas vizinhas em troca de alimentos.

Foi ali também que Josefina teve outra filha, Maria Estelina. Em um período em que não havia muito acesso a hospitais, os cuidados de saúde eram prestados pelas mulheres da comunidade, que atuavam como parteiras e benzedeiros. Entre elas, estava a própria Josefina, que ajudou diversas outras mulheres a dar à luz. Ela viveu mais de 100 anos e faleceu por volta da década de 1940.

Maria Estelina se casou com Francisco Mendes e teve cinco filhos: Luiz Mendes, Cecília, Isabel, Antônio Mendes e Maria Mendes. Francisco abandonou a família quando os filhos ainda eram pequenos, e Maria Estelina contou com o apoio da Sociedade São Vicente de Paulo e com trabalhos domiciliares em fazendas, em troca de alimentos e toucinho (gordura de porco), para criar seus filhos com muita dificuldade. Ela faleceu em 1959, mesmo ano em que Luiz Mendes se casou com Darci Fernandes Mendes. O casal teve cinco filhos, entre eles Tia Rosa e Mariinha.



■ Da esquerda para a direita: Rosângela Fernandes Mendes dos Santos, Darci Fernandes Mendes e Maria Fernandes Mendes da Cruz,

As irmãs de Luiz, Cecília e Isabel, faleceram ainda jovens, enquanto os demais filhos de Dona Estelina constituíram família e deixaram descendentes na comunidade.

Pelo lado materno, os avós de Mariinha e Tia Rosa também eram descendentes de pessoas escravizadas. A avó materna teve sete filhos, entre eles a Dona Darci Fernandes. Ela e seus irmãos foram nascidos e criados em Massangano.

As tradições do quilombo eram transmitidas pelos mais velhos da família. Luiz Mendes e Antônio Mendes eram integrantes da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, e participavam ativamente dos Reinados das comunidades quilombolas vizinhas, Sapé e Marinhos.

O REINADO DE S. JOSÉ, MARINHOS E SAPÉ.

Assim contam José Rodrigues Paiva, conhecido por José (Hermesegilda), atual presidente do Reinado de S. José, Marinhos e Sapé; Maria Valência com 90 anos, Maria Domingues com 110 anos aproximadamente, ambas descendentes de africanos, e outras integrantes da Irmandade.

— "Logo em seguida que esta festa católica foi introduzida em Ouro Preto, pelo africano Chico Rei. Poucos anos depois ela se instituiu em São José, através dos escravos que viviam nas fazendas desta região. Nesta época a capela de S. José ainda era coberta de capim (sapé). Depois de um certo tempo, comandada por fazendeiros que aqui viveram, os escravos construíram a capela de São José, toda de pedras e em estilo colonial, que hoje está em estado precário, onde prova todos os acontecimentos aqui narrados na época da escravidão no Brasil e até o momento. A festa de Nossa Senhora do Rosário em S. José prolonga-se até o sábado até tarde. Nesta data, o mais interessante era a partida da população de Marinhos, Sapé e outros lugares para S. José, pois não haviam estradas de automóvel, então o povo se locomovia com utensílios necessários para essas dias, através de carro de boi, cavalos e principalmente a bonita procissão de mais de cinquenta mulheres encoroadas às vezes de seus maridos e filhos, com colchões de palha e outros utensílios na cabeça. Com muito entusiasmo e um pouco pra lá de bom, chegavam em S. José, onde cada família já havia preparado o seu lugar de permanência, durante esses dias. Toda essa movimentação era feita nos dias vizinhos do Reinado. Em cada família, um voltava para a casa residencial por algumas horas, somente para cuidar das criações domésticas.

Muito organizada e mantendo a grande tradição, a festa traz como atração o rei e rainha. Percebido, rei e rainha são substituídos desta



Em 1961 esta Irmandade de S. José, Marinhos e Sapé fez uma linda exposição pelas ruas de Ouro Preto, a convite pelo Reinaldo dessa cidade, idealizada por Chico Rei.

Por falta de maior incentivo das autoridades, a festa caiu muito nos últimos anos, teve quase o seu fim, mas graças ao idealismo de vários e jovens da região, as homenagens a Nossa Senhora do Rosário foram novamente erguidas. So que hoje não há tanta influência como antigamente; as comemorações começam no sábado à noite e terminam no domingo à noite, também não existem mais o descomunalmente de pessoas de Marinhos e outros lugares, para São José.

O que muito contribuiu também para o fracasso, foi a ponte sobre o Rio Piracicaba, em S. José, que dia a dia vem alterando a população da região com a pouca segurança que oferece.

De S. José a festa veio para Marinhos, no dia 29 de setembro de 1903, por iniciativa de Manoel Campos (conhecido por Tiquinha).

Em 1974, a Irmandade realizou um dos melhores festejos dos últimos anos, aqui em Marinhos. Nesta ocasião, José Rodrigues Paiva foi a rainha coroada, cumprindo promessas de seu pai, por intermédio de indigênio do Padre

1961, quando o Reinado de S. José foi convidado para participar de um grande concentrmento de festas folclóricas em Ouro Preto

Antônio de Bonfim, conhecido Maria Paiva sacro-se, segundo comprovaram os lares médicos de Belo Horizonte, onde ela estava tratando da doença.

Desde quando existe o Reinado, é costume coroar e doze, dando três voltas em torno da capela sede, acompanhados de toda Irmandade que quase todos os anos faz este ato de fé com algum domo, principalmente há tempos atrás em S. José. No povoado de Sapé, a reis é, aproximadamente, de Marinhos, há também este folclore de procedência de S. José. Em Sapé estão os membros mais velhos das comemorações de Nossa Senhora do Rosário: Maria Domingues, conhecida: Paulo, Nicanor (rei comp), Evarista (rainha comp), Gabriel, José Severino, Astrucelino e Alaila Vilelo (geral). Diferença (major): entre outros. Arelamos toda unidade para que as autoridades, principalmente de Brumadinho, nos deem mais apoio, reconstruindo a ponte em S. José, sobre o Rio Piracicaba, nos deem um uniforme, novo grande sonho, principalmente a busca de música de Marimbola.

No dia 27 passado, encerramos as homenagens deste ano, em Marinhos. Em 20 de junho último festejamos o Reinado em S. José e é de julho passado em Sapé.

- Notícia do jornal Vale do Paraopeba de 1975 sobre o reinado das comunidades quilombolas da região.

Mesmo após o fim formal da escravidão, a vida permaneceu difícil para as famílias negras e quilombolas próximas. Por muitos anos, grande parte da comunidade trabalhou em fazendas da região, enfrentando serviços árduos e baixa remuneração. Luiz

Mendes, por exemplo, trabalhou mais de 30 anos em uma fazenda de Brumadinho. Quando foi dispensado, recebeu apenas panelas de ferro como forma de acerto. Algumas dessas panelas permanecem com a família até hoje.



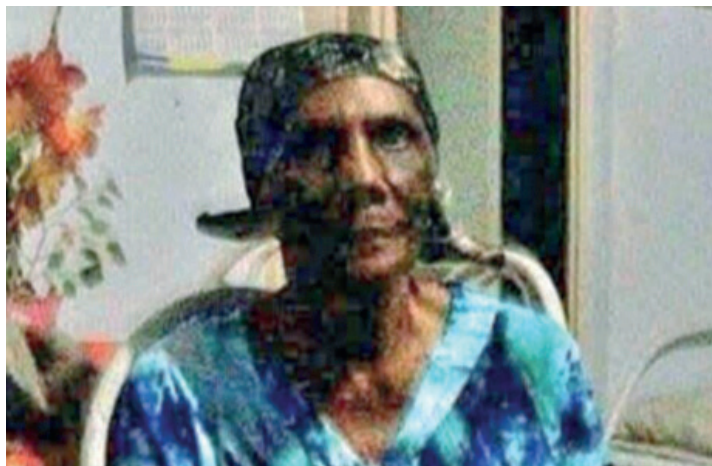
■ Panelas de ferro recebidas como pagamento pelo trabalho do Sr. Luiz Mendes em fazenda da região.

Grande parte da memória local foi preservada pelo senhor Gerson Martins, de 87 anos, e sua esposa, Angelina Moreira Martins, de 79 anos, e sua filha Elenice. Eles relatam que, antes da construção da atual Capela de São Geraldo, havia um salão onde, todos os anos, em 3 de maio, celebrava-se a Santa Missa. O padre era buscado a cavalo pelos moradores.

A comunidade também mantinha, há mais de um século, a Conferência de São Vicente de Paulo, inicialmente separada entre homens e mulheres, sendo os dirigentes responsáveis o Sr. Luiz Mendes e Maria Francisca. Com o tempo, essa segregação parou de ocorrer, e as celebrações foram substituídas por cultos dominicais unificados, conduzidos pelos padres José Luiz e José de Freitas.

Dona Maria Francisca dos Santos, também conhecida como Maria Chica, foi uma figura de grande importância na comunidade. A casa onde funcionava a Conferência pertencia à sua família.

Atualmente o local é a moradia de seu sobrinho José Antônio. Maria Chica organizava festas, teatros, corações e celebrações comunitárias que marcaram a vida dos moradores, tanto adultos quanto crianças.



■ Maria Francisca dos Santos.

Entre as histórias das famílias da comunidade, é comum os relatos acerca das dificuldades da vida no período antigo. Mulheres carregavam água em latas sobre a cabeça e lavavam roupas no córrego próximo à igreja. A alimentação era baseada no que se plantava: arroz, feijão, café, milho, cana, entre outros. Não tinham dinheiro para comprar açúcar, portanto o café era adoçado com caldo de cana moída em engenho.

O sabão utilizado pelas famílias era produzido artesanalmente, com cinzas e ossos de animais recolhidos nos pastos da região. O processo exigia vários dias e etapas de preparo.

O senhor Gerson possuía um moinho muito procurado pelos moradores de Massangano e das comunidades vizinhas, como Casinhas, Gomes, Grotta e Taquaraçu, todas remanescentes de quilombos. Para cada 12 litros de milho moído, ele recebia um litro de fubá como pagamento. O leite também era buscado a cerca de cinco quilômetros de distância, na cidade de Moeda, e transportado na cabeça.



■ Ao centro, o Sr. Luiz Mendes, acompanhado dos sobrinhos do Sr. Gerson.

As crianças iam a pé e descalças para a Escola Municipal Ester Constância de Amorim, na Comunidade de Casinhas, localizada a aproximadamente três quilômetros de Massangano. Fundada em 1939, como Escola Combinada de Casinhas, teve seu nome alterado em 1975. A casa onde vivem o senhor Gerson e dona Angelina tem mais de 150 anos e recebeu água encanada somente há cerca de 23 anos, graças a um poço artesiano.

As comunidades da região são muito próximas, com distâncias máximas de cerca de seis km entre si, e mantêm fortes vínculos familiares e comunitários. Entre 2001 e 2011, existiu a Associação de Moradores e Amigos de Casinhas e Massangano, criada para fortalecer a organização local. Atualmente, a associação encontra-se inativa.

No passado, havia uma balsa que fazia a travessia pelo rio Paraopeba, conectando Massangano ao município de Belo Vale. A energia elétrica só chegou à região na década de 1990, por meio do programa Luz para Todos. Sem geladeiras, as carnes eram conservadas com sal ou gordura, e os paióis eram usados para armazenar colheitas.



■ Casa de Gerson e Angelina.



■ Paiol de José Antônio Neto.

Outra família tradicional da região é a de José Antônio Neto e seu irmão Amarildo Hermes de Jesus, filhos de Francisco Hilário e Maria Felicíssima de Jesus. Assim como muitas outras famílias, eles enfrentaram o cotidiano pesado da roça, longas caminhadas até a escola e o transporte de água em baldes equilibrados na cabeça.

Francisco e Maria Felicíssima tiveram cinco filhos e todos trabalharam desde muito jovens, para ajudar no sustento da casa, principalmente após a morte prematura de Francisco, aos 46 anos. Alguns filhos precisaram abandonar os estudos para trabalhar nas fazendas e auxiliar no sustento da família. Faziam viagens à cidade de Moeda para vender mercadorias, iam a cavalo ou em carros de boi, por estradas estreitas, que exigiam constante manutenção, com uso de enxadas.

■ Território

A ocupação do território de Massangano e das comunidades vizinhas ocorreu de forma gradual, marcada pela presença de famílias descendentes de pessoas escravizadas que buscaram autonomia e meios de subsistência. A história local começa com a aquisição e povoamento de pequenas porções de terra, utilizadas para cultivo de alimentos básicos e para criação doméstica, garantindo a sobrevivência das pessoas.



■ Quintais com criação de galinhas e poma.

O uso do solo sempre esteve associado ao trabalho agrícola. A comunidade se organizava em roças familiares, onde eram cultivados milho, feijão, arroz, café, cana e outros produtos, que serviam tanto para o consumo quanto para a troca ou venda. A cana era processada em engenhos locais, e o milho era moído em moinhos comunitários, que, muitas vezes, atendiam Massangano e comunidades vizinhas. Os paióis em estruturas de adobe e madeira que permitiam o armazenamento das colheitas.

Com o passar do tempo, Massangano foi mudando suas características rurais. Atualmente, muitas famílias precisaram dividir seus lotes para que caibam a construção de duas ou mais casas, para abrigar as novas gerações, restando pouco espaço para plantação e criação de animais. Apesar disso, algumas famílias ainda possuem pés de frutas, hortaliças, ervas para chás e criação de galinhas.

O território era, e ainda é marcado por intensa circulação entre comunidades próximas: Antigamente, os antigos moradores se deslocavam a pé, a cavalo ou em carros de boi para ir à escola, buscar leite, vender produtos ou participar de celebrações religiosas. Na atualidade, ainda precisam fazer esses deslocamentos a pé, ou em veículos particulares. Há transporte pela Prefeitura, mas é precário, com poucos horários e não atende a todos.

Em 2024, as participantes do projeto Raízes do Futuro elaboraram mapa simbólico de Massangano destacando a proximidade e relação da comunidade com as circunvizinhas.



■ Mapa simbólico de Massangano.

Há outras alterações, que acarretaram mudanças nas características e modos de vida dos quilombos. O aumento da mineração na região, a linha férrea cortando as comunidades, a crescente presença de sitiante são alguns dos processos que geram implicações diretas no território.

Por outro lado, permanece a organização social e religiosa em pontos de referência comunitária, como capelas, escolas e casas dos moradores. Em alguns casos, as edificações de cunho religioso foram reformadas e mantidas, em outros restam hoje apenas as ruínas.

O território e as relações que se estabeleceram ao longo de gerações moldaram profundamente o modo de vida local. Mesmo enfrentando dificuldades, as famílias consolidaram a ocupação e uso da terra de forma contínua, mantendo vínculos de parentesco e tradições que preservam a identidade quilombola da região.



■ Ruínas da Capela de Taquaraçu.

Economia e Sociedade

Apesar de o tempo dos trabalhos braçais, em regime escravocrata, parecer distante, a realidade do quilombo ainda impõe muitas dificuldades aos seus moradores. Atualmente, muitos continuam trabalhando em fazendas e já vivenciaram situações de jornada exaustiva e baixa remuneração. Outros atuam em empregos formais nas prefeituras ou em comércios de Moeda e Brumadinho. As atividades econômicas que geram saída de bens para entrada de recursos incluem, principalmente, a venda de ovos e frangos, criados no quilombo, além da produção e comercialização de marmitas.

No caso das crianças, a educação permanece concentrada na Escola Municipal Ester Constância de Amorim, cujo prédio também funciona como ponto de apoio à saúde das comunidades de Casinhas, Gomes e Taquaraçu. Já o atendimento médico de Massangano e Grotta ocorre ao lado da Capela São Geraldo.

Há, ainda, um processo em andamento, articulado pela própria comunidade em parceria com o município, para a construção de um ponto de apoio da Prefeitura mais amplo, capaz de acomodar adequadamente os atendimentos de saúde. Desde 2023, a Prefeitura está em fase de desapropriação do terreno onde será erguida a edificação. Existem também indicativos da construção de uma quadra poliesportiva, ambas previstas para a área ao lado da Capela São Geraldo.

A comunidade enfrenta desafios relacionados à infraestrutura e aos eventos climáticos extremos, situando-se em uma área suscetível a inundações, dependendo do volume de chuvas. Esse cenário gera insegurança durante o período chuvoso, sobretudo porque, nos últimos anos, já ocorreram transtornos significativos, como a obstrução e até a destruição de vias de acesso pela força da água.

Outra preocupação recorrente nessa época é a possível contaminação das águas dos poços artesianos, que são utilizados pelos moradores para o abastecimento doméstico.

Do ponto de vista cultural e religioso, a comunidade mantém, majoritariamente, celebrações ligadas à Igreja Católica. A missa ocorre no quarto domingo de cada mês, às 11h. A festa de Santa Cruz acontece entre o final de abril e o início de maio, enquanto a festa de São Geraldo é celebrada em outubro, no terceiro fim de semana.



■ Celebração na Capela São Geraldo.

Recentemente, a comunidade iniciou processo de certificação como Comunidade Remanescente de Quilombo pela Fundação Cultural Palmares. Foram realizadas reuniões e uma assembleia, além do levantamento da história e origens da comunidade, visando compor a documentação necessária para o registro. Esse reconhecimento é entendido, pelas famílias, como um marco essencial para reforçar sua identidade, assegurar direitos territoriais e acessar políticas públicas específicas. ■

CEDEFES 40 anos de História

O Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva - CEDEFES é uma entidade privada, sem fins lucrativos, de âmbito estadual, fundada em 1985 por um grupo de professores, sindicalistas e religiosos. O nome é uma homenagem a Eloy Ferreira da Silva, trabalhador do campo e sindicalista no município de São Francisco, Minas Gerais, assassinado por grileiros em 16 de dezembro de 1984.

O objetivo do CEDEFES é promover a informação e educação popular, documentar, arquivar, assessorar, elaborar projetos, pesquisar e publicar obras de interesse dos povos tradicionais e dos movimentos sociais, fortalecendo as suas lutas, organização, articulação e conquista de direitos.

Suas atividades são mantidas, essencialmente, pelo trabalho voluntário dos sócios e colaboradores e uma parceria consolidada ao longo de vinte e dois anos com a entidade de cooperação internacional alemã Misereor e com o KMB, da Áustria.

A entidade tem o apoio também das Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora, que abrigam a organização há 17 anos, e dos irmãos Maristas e Franciscanos, que ajudam em situações específicas. Além disso, desenvolve projetos relevantes em parceria com Ministério Público de Minas Gerais.

No ano 2000, durante o Seminário “500 Anos de Resistência Negra no Brasil: os Remanescentes de Quilombo e Outras Experiências”, representantes de movimentos negros de Minas Gerais pediram para o CEDEFES atuar junto às comunidades quilombolas do Estado.

Desde então, entre 2003 e 2022, o CEDEFES conduziu sete projetos de apoio às comunidades quilombolas, em várias regiões de Minas Gerais. Seguindo essa caminhada, em 2023, teve início o projeto “Raízes do Futuro”, o oitavo projeto quilombola fruto da parceria CEDEFES / MISEREOR / KMB. Esta coleção de livretos é um dos resultados deste projeto.

